

# Caxa, peixe, cenora: por que os ditongos são monotongados?

A depender do ditongo, a razão para que a monotongação aconteça é diferente.

## ESCRITO POR

**Victor Renê Andrade de Souza**

Professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado da Educação de Alagoas (SEDUC/AL), possui mestrado em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde estudou variação linguística no nível sonoro da língua, e especialização em Docência Básica pelo Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG).



Entre em contato:

[victor.andrade573@gmail.com](mailto:victor.andrade573@gmail.com)

Nas aulas de português da educação básica, aprendemos que ditongo é o encontro de uma vogal (a, e, i, o, u) e de uma semivogal (i, u) numa mesma sílaba (CEGALLA, 2000; ALMEIDA, 2009; BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2017). Assim, palavras como caixa, peixe, louco, ciência, série, árduo são constituídas por combinações de vogal e semivogal tidas como ditongo. Durante as aulas, realizamos atividades em que temos de localizar esses encontros vocálicos em listas de palavras e classificá-los em decrescente, quando a vogal antecede a semivogal, como em peixe; ou crescente, quando a vogal sucede a semivogal, como em ciência.

Essa definição de ditongo encontrada em gramáticas está relacionada especificamente com a escrita, sem correspondência com os aspectos sonoros da língua. Só reconhecemos um ditongo em palavras como peixe, caixa, cenoura devido à leitura dessas palavras e à instrução explícita da escola de que ali consta um ditongo decrescente oral (FREITAG, 2020).

Apenas com base nas experiências com a língua falada é difícil identificar ditongos nesses itens, tendo em vista que para nós, falantes do português brasileiro, palavras como peixe podem ser realizadas como peixe; caixa, como caxa; cenoura, como cenora.

A semivogal do ditongo é omitida na fala, resultado de um processo fonético-fonológico que chamamos de monotongação, em que um ditongo decrescente oral é reduzido a um monotongo, ou seja, apenas a vogal é realizada.

Apesar de gramáticos recomendarem a realização da semivogal dos ditongos decrescentes orais em situações formais (CEGALLA, 2000; BECHARA, 2009), o fenômeno de monotongação é produtivo no português brasileiro, e nós, falantes, nem percebemos que apagamos a semivogal (afinal, raramente as pessoas são corrigidas por fazer isso, é apostado que você só percebeu isso agora, lendo este texto).

O processo de monotongação ocorre, inclusive, em situações de maior monitoramento, como na leitura em voz alta (HORA; AQUINO, 2012; MACHADO, 2018), e interfere na escrita de crianças que estão em processo de alfabetização (SIMIONI; RODRIGUES, 2014; MOURA; SILVA JR., 2020; SILVA; SOUZA, 2020), configurando um desvio ortográfico (Figura 1).

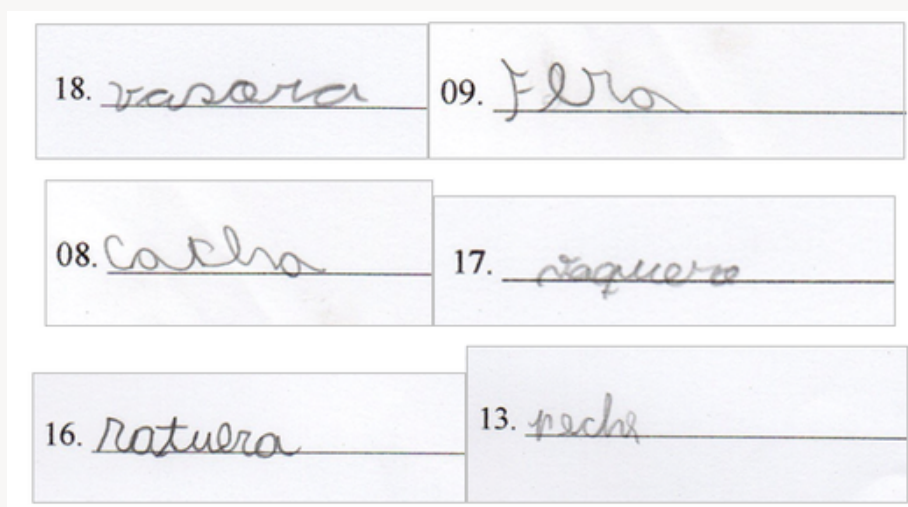


Figura 1 – Monotongação na escrita de estudantes em processo de alfabetização (Fonte: Silva e Souza (2020)).

Mas não é qualquer ditongo decrescente oral que pode ser monotongado.

Existem contextos em que ditongos são sempre preservados, em que a monotongação não ocorre, e outros nos quais são mais suscetíveis ao fenômeno.

A semivogal pode ser omitida na fala, por exemplo, em palavras como peixe, mas tende a ser preservada em palavras como peito e andei, ambas com o ditongo ei.

Muitos estudiosos da linguagem já se dedicaram à investigação das motivações desse processo em falantes de diversas regiões do Brasil. A partir de uma revisão sistemática da literatura (SOUZA, 2022b), percebemos que apenas quatro ditongos decrescentes orais podem ser monotongados no português brasileiro: ou, ei, ai e oi. No entanto, o fenômeno não acontece do mesmo modo em todos eles. Existem ditongos que são mais monotongáveis do que outros (Figura 2), e o processo ocorre em cada um deles por motivos distintos.

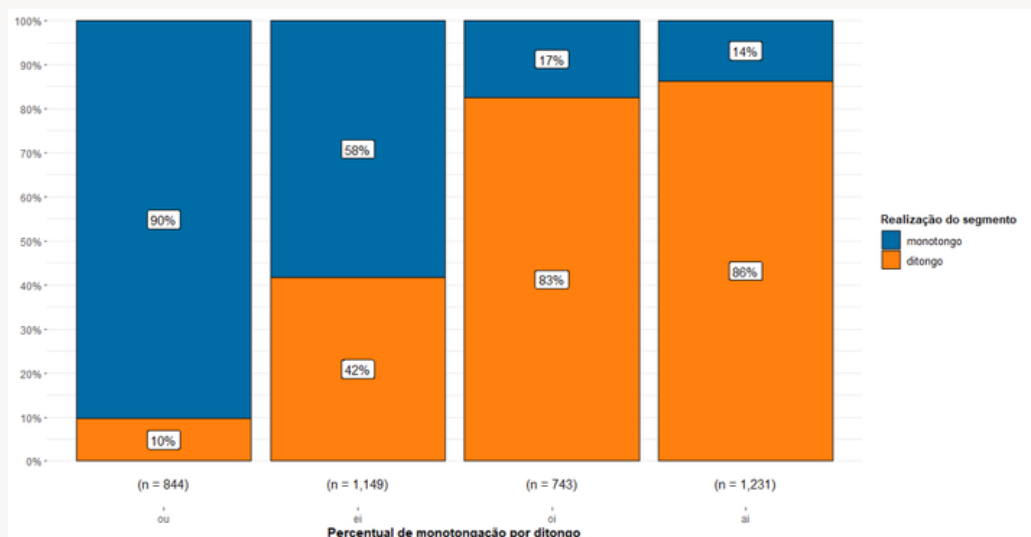


Figura 2 – Percentual de monotongação de ditongos decrescentes orais na fala e na leitura em voz alta de universitários sergipanos por ditongo (Fonte: Souza (2022a, p. 78)).

A monotongação do ditongo ou é vista como uma mudança já consolidada no português brasileiro. Isso significa dizer que nós sempre apagamos a semivogal desse ditongo na fala. Observe como pronunciamos palavras como touro, andou, outro. Percebeu? A semivogal é sempre omitida: toro, andô, otro. Gramáticos, inclusive, já reconhecem a monotongação desse ditongo como norma (CUNHA; CINTRA, 2017).

A monotongação do ditongo ei não é tão simples quanto a do ditongo anterior. Nem todo ei é monotongado. Apagamos a semivogal desse ditongo ao falarmos palavras como cadera, bejo, pexe, mas não ao pronunciarmos palavras como falei, teima. A monotongação desse ditongo está relacionada principalmente ao som que vem depois dele. Quando o ditongo ei é sucedido pelos sons representados pelas letras r, j e x (em que há proximidade articulatória com a semivogal do ditongo), a monotongação ocorre: bandera, feção, fexe. Nos demais casos, as chances de apagarmos a semivogal desse ditongo é muito pequena, principalmente porque implica em mudança de sentido: falei ~ fale, teima ~ tema.

O ditongo ai é ainda mais restrito. A monotongação desse ditongo só ocorre quando ele é sucedido por sons representados pela letra x (também devido à proximidade articulatória com a semivogal do ditongo): caxa, faxa, paxão. Observe que em outros casos sempre realizamos a semivogal: pai, cai, vai. A monotongação desse ditongo também ocorre com frequência em falantes que realizam palavras como mais com o que chamamos informalmente de chiado, como falantes florianopolitanos (HAUPT, 2011).

O mesmo ocorre com o ditongo oi. Nesse ditongo, o apagamento da semivogal ocorre em falantes que realizam o s final de palavras como dois, depois, pois com chiado (HAUPT, 2011). Nos demais casos, a semivogal tende a ser preservada.

Apesar de ser fortemente condicionada por regularidades internas à estrutura linguística, a monotongação é sensível ao nível de escolarização dos falantes. Os estudos apontam que quanto maior o nível de escolarização dos falantes, menores são os percentuais de monotongação (ARAUJO, 1999; LOPES, 2002), resultantes do contato com a norma escrita (SCHWINDT et al., 2007), em que o ditongo é preservado.

Portanto, respondendo à questão que intitula este texto: as motivações que levam à omissão da semivogal em ditongos decrescentes orais (ou, ei, ai e oi) no português brasileiro são distintas para cada um deles, mas relacionam-se principalmente com a proximidade articulatória da semivogal com os sons que sucedem o ditongo, e com o nível de escolarização do falante.

---

Imagine, agora, o desafio de ensinar a escrever um ditongo que não é realizado na fala em determinados contextos? É por isso – mas não apenas – que estudos sobre a fala são tão importantes: entender que existem motivações, linguísticas e sociais, para a omissão da semivogal de ditongos na fala, permite ao professor reconhecer que o apagamento desse segmento na escrita não é um mero desvio casual, mas é influenciado por um traço variável na fala. Assim, o professor pode tomar decisões mais técnicas e informadas em seu planejamento e prática pedagógica.

## Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática metódica da língua portuguesa. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

ARAUJO, Maria Francisca Ribeiro de. A alternância de [ej] ~ [e] no português falado na cidade de Caxias, MA. 134 f. 1999. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1999. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP\\_ffel6af0f7b00a35d1b0a5fddebff58a4](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_ffel6af0f7b00a35d1b0a5fddebff58a4). Acesso em: 26 abr. 2021.

BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.  
CEGALLA, Domingo Paschoal. Novíssima gramática da língua portuguesa. 43. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2000.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

FREITAG, Raquel Meister Ko. A sociolinguística da leitura. Letrônica, Porto Alegre, v. 13, n. 4, p. 1-13, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2020.4.37508>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/37508>. Acesso em: 24 ago. 2021.

HAUPT, Carine. O fenômeno da monotongação nos ditongos [aɪ, eɪ, oɪ, uɪ] na fala dos florianopolitanos: uma abordagem a partir da fonologia de uso e da teoria dos exemplares. 212 f. 2011. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, SC, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95789>. Acesso em 21 abr. 2021.

HORA, Dermeval da; AQUINO, Maria de Fátima S. Da fala para a leitura: análise variacionista. ALFA: Revista de Linguística, v. 56, n. 3, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4986/0#:~:text=Os%20dados%20analizados%20a pontam%20uma,daquilo%20que%20a%20escola%20preconiza>. Acesso em: 02 set. 2020.

LOPES, Raquel. A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, 2002.

## Referências

MACHADO, Alessandra Pereira Gomes. Variação linguística e leitura: fenômenos variáveis da fala na leitura em voz alta. *A Cor das Letras*, v. 19, n. 4, p. 196-218, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.13102/cl.v19i4Especial.2867>. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/2867>. Acesso em: 02 set. 2020.

MOURA, Magna Andrizze de Araújo; SILVA JR., Leônidas José da. Monotongação e Ditongação: A relação oral-escrita no contexto escolar. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v. 24, n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/31786>. Acesso em: 02 set. 2020.

SCHWINDT, Luiz Carlos da Silva; QUADROS, Emanuel Souza de; TOLEDO, Eduardo Elisalde; GONZALEZ, César Augusto. A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores da escrita. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 5, n. 9, p. 1-12, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/184784>. Acesso em: 02 set. 2021.

SILVA, André Pedro da; SOUZA, Luis da Silva. A monotongação na escrita de estudantes de 4º e 5º anos do ensino fundamental. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v. 24, n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/31365>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SIMIONI, Taíse; RODRIGUES, Éder Lupe. Monotongação de ditongos orais decrescentes na escrita de crianças de séries iniciais. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 695-712, jul./dez., 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/17922>. Acesso em: 02 set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2014.2.17922>.

SOUZA, Victor Renê Andrade. Monotongação dos ditongos decrescentes orais [oɔ], [eɪ], [aɪ] e [oɪ] na fala e na leitura em voz alta de universitários sergipanos. 2022. 165 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022a. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/15779>. Acesso em: 12 maio 2022.

SOUZA, Victor Renê Andrade. Monotongação de ditongos decrescentes orais no português brasileiro: uma revisão sistemática da literatura. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 1143-1184, 2022b.



## COMO CITAR

SOUZA, V. R. A. Caxa, peixe, cenora: por que os ditongos são monorongados?. Revista Roseta, v. 5. n. 2, 2022. Abralín, 2022. Disponível em: <https://www.roseta.org.br/2022/07/20/caxa-peixe-cenora-por-que-os-ditongos-sao-monotongados/>. Acesso em: dia. mês. ano.